

**RELIGIOSIDADE E SENTIMENTO DE PERTENÇA: CONSIDERAÇÕES
ACERCA DA FESTA EM HOMENAGEM A SÃO JOÃO BATISTA E DA
MISSA AFRO NA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO “SÃO
JOÃO BATISTA” – CAMPO GRANDE/MS**

Mônica Cristina Adams de Matos da Silva¹

Vicente Fideles de Ávila²

Josemar de Campos Maciel³

RESUMO: O artigo objetiva apresentar o modo como a Comunidade Negra São João Batista, formada por remanescentes de quilombos, situada na zona urbana da cidade de Campo Grande-MS, vivencia o sentimento de pertença e a religiosidade. A partir de uma experiência de observação participante e entrevistas semi-estruturadas, são tecidas considerações acerca do fenômeno religioso e sua encarnação no cotidiano dos afrodescendentes dessa Comunidade. No decorrer do texto são descritos os dois principais eventos religiosos presentes na Comunidade e como ocorre a participação dos seus membros. Constatou-se com a pesquisa profunda imbricação entre cultura e memória na construção ou reconstrução de um estilo celebrativo peculiar, manifestada por meio da tradição religiosa familiar e da Missa Afro.

PALAVRAS-CHAVE: Remanescente de Quilombo. Religiosidade. Sentimento de Pertença. Festas Religiosas.

**RELIGIOSITY AND SENSE OF BELONGING: CONSIDERATION ABOUT
CEREMONY HONOR TO SÃO JOÃO BATISTA AND AFRICAN MASS AT
QUILOMBO COMMUNITY ‘SÃO JOÃO BATISTA’ – CAMPO GRANDE/MS**

ABSTRACT: This text intends to show the way by which a community of quilombola São João Batista, composed by reminiscent of quilombos, located in the urban area of Campo Grande, MS, lives the feeling of belonging, as well as its religiosity. From an experience of participant observation and performs semi-directed interviews in order some reflections are considered about the religious phenomenon and its incarnation in the everyday life of afro descendants. While the elaboration of text are described the main religious events present in the community and how happens the participation of their members. It has been founded with the research a deep imbrication between culture and memory at the construction or reconstruction of a peculiar celebrative style, manifested through a familiar and religious tradition and African Mess.

KEYWORDS: Quilombo Reminiscent. Religiousness. Belonging. Religious Feasts.

¹ Mestre em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)-Campo Grande/MS 4004@ucdb.br

² Doutor em Políticas e Programação do Desenvolvimento pela Université de Paris I/Phantéon-Sorbonne/França. Professor aposentado da UFMS e Ex-Docente da Pós-Graduação Stricto Sensu da (UCDB). fidelesdeavial@gmail.com

³ Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas-Campinas/SP. Professor do Programa de Pós-Graduação – Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). maciel50334@yahoo.com.br

Introdução

Este artigo se refere à correlação entre sentimento de pertença e religiosidade no contexto da pesquisa intitulada *Empoderamento e potencialidades para desenvolvimento local na tradicional comunidade negra “São João Batista” de Campo Grande-MS*, realizada nos anos 2007-2009, para integralização do Mestrado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), com dissertação monográfica defendida e aprovada perante banca em fevereiro de 2010. A investigação foi levada a termo pela acima mencionada principal co-autora (ainda na condição de mestranda), mas se valeu constantemente de orientação, assessoramento e importantes contribuições dos outros dois co-autores, inclusive na elaboração desta matéria.

O fenômeno religioso, acontecimento universal, encontra-se em todas as culturas e em todos os tempos. Acreditar numa força superior, ter fé, é necessidade inerente ao ser humano, faz parte da própria cultura. Geertz (1989, p.140), sustenta que “[...] as religiões com suas dramatizações auxiliam as pessoas a encontrar ânimo e motivação, respostas e esperanças perante situações de sofrimento, insegurança, perdas, paixões, aflições e tristezas que a vida cotidiana apresenta”. É uma afirmação perspicaz, uma vez que a religião, não importa qual seja, é entendida como um meio necessário para conduzir o ser humano a acreditar em uma força maior, a cobrar coragem no enfrentamento dos problemas do cotidiano e na transformação, conquistando posições e situações mais satisfatórias de um ponto de vista sempre integrado, comparado a outros saberes.

Apesar de essa necessidade ser comum, reconhece-se que nem todos os povos professam uma só religião, e que é preciso respeitar a diversidade religiosa por meio da tolerância. Como preconiza a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948⁴, da qual o Brasil é signatário, “a liberdade religiosa é um dos direitos fundamentais da humanidade”.

No Brasil, os colonizadores quando aqui chegaram encontraram os indígenas que já possuíam suas próprias crenças e, mais tarde, trouxeram os africanos escravizados, que também tinham suas crenças e rituais. Esse processo de convivência destas diferentes culturas possibilitou a diversidade de crenças existentes, já que tanto

4 Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Table/Documentos-Internacionais-da-Sociedade-das-Nações-1919-a-1945/>

os europeus, quanto os indígenas e os negros possuíam suas próprias crenças. A diversidade cultural e religiosa desses diferentes povos deu origem às religiões afro-brasileiras.

Falar sobre a cultura e a religiosidade dos afrodescendentes implica falar em sincretismo religioso, fenômeno bastante comum no Brasil durante os períodos Colonial e Imperial, onde se buscou adaptar nas religiões de matriz africana os rituais da fé Católica. Segundo Abbagnano (2003, p.903), o termo sincretismo associado à história das religiões indica “[...] fenômenos de sobreposição e fusão de crenças de origens diversas.”.

Um exemplo do sincretismo das religiões no Brasil e da predominância da fé católica é que para realizar os seus rituais religiosos de origem africana, os escravos incorporaram santos católicos como os seus Deuses africanos para que pudessem ter a liberdade de praticar a sua fé.

Até os dias de hoje é possível identificar certa resistência à cultura e religiosidade dos afrodescendentes. Mas, não há como negar a cultura e a religiosidade, herdadas do continente africano, encontrados no Brasil. O som da música, o ritmo da percussão, as danças, o canto, a alegria, presentes nos rituais africanos são hoje associados à cultura do povo brasileiro. As festas simbolizam o ponto alto das manifestações religiosas afro-brasileiras.

A prática religiosa faz parte dos referenciais identitários dos afrodescendentes brasileiros. Os elementos de caráter religioso foram fundamentais no processo de resistência dos africanos ao sistema escravagista no Brasil. Através deles, encontraram forças para sobreviver aos maus tratos e lutar pela sua liberdade. A fé foi essencial na vida desse povo.

Trajetória histórica da Comunidade e homenagem a São João Batista

O delineamento dessa trajetória foi se desvelando ao longo da pesquisa mencionada no início, com base em entrevistas gravadas, relatos orais, observação in loco e registros fotográfico, histórias tecidas oralmente com base na memória coletiva⁵ sobre o passado e a própria performance presente dessa comunidade remanescente de

5 Segundo Halbwachs (2004) a memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém.

Quilombo. Trata-se de trajetória que converge para o resgate da própria tradição⁶ religiosa, inclusive como meio também de resgate de liberdade e dignidade.

Nessa perspectiva, observa-se, mundialmente, na atualidade, crescente preocupação com relação à preservação e valorização das populações tradicionais, destacando-se dentre elas as comunidades remanescentes de quilombos. O termo “populações ou comunidades tradicionais”, de acordo com Leitão (2002) “[...], é aplicado de forma abrangente às comunidades e às populações humanas com hábitos diferenciados das sociedades industriais e que retiram da natureza e do seu ambiente os elementos necessários à sua sobrevivência”. Atualmente, no Brasil, essas comunidades estão amparadas legalmente pelo direito constitucional.

O Decreto Federal 6.040, de 07/02/07, que institui a política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais, assim os conceitua:

Povos e Comunidades Tradicionais são entendidos como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Nas comunidades tradicionais, a religião é um fenômeno social que influencia a vida de todos, visto que a memória, os valores e a fé permanecem presentes no modo de vida coletiva das mesmas, como podemos observar na Comunidade Negra São João Batista.

A memória considera Pollak (1992, p.204), é o elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Resgatar a história da comunidade por meio da memória é o fio condutor da continuidade dessa história. A memória coletiva é capaz de existir em um grupo graças à “[...] continuidade articulada, que tem lugar na consciência viva do grupo em interação com a sociedade envolvente” Gomes dos Anjos (2004, p.56).

6 Para Abbagnano (2003), tradição é herança cultural, transmissão de crenças ou técnicas de uma geração para outra.

Por essa razão, afirma Santos, “a memória coletiva é apontada como cimento indispensável à sobrevivência das Sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro” (1999. p.264).

Tratando-se de comunidades remanescentes de quilombo, com forte presença da cultura africana, estas comunidades buscam cultivar suas raízes, seus valores mantendo vivas as tradições e agregando novos valores, a sobrevivência da cultura, como observamos na Comunidade São João Batista.

A referida comunidade se declara católica, mas com forte presença de elementos religiosos de matriz africana. De fato, uma das principais manifestações religiosas dessa Comunidade é a devoção a São João Batista, expressa na grande festa e no terço, em cumprimento a uma promessa, que homenageiam o Santo. É festa/homenagem que entremeia sagrado e profano. Para Johnson, citando Durkheim:

Fundamental para a realidade social da religião é a distinção estabelecida por Émile DURKHEIM entre o sagrado e o profano. O profano consistiria de tudo que podemos saber através dos sentidos. É o mundo natural da vida diária [...]. Em contraste, o sagrado abrange tudo o que existe além do mundo da vida diária, natural que vivenciamos com nossos sentidos. Como tal, o sagrado inspira sentimento de respeito porque é considerado incognoscível e além das limitadas capacidades humanas de perceber e compreender. A religião é organizada principalmente em torno dos elementos sagrados da vida humana e cria condições para uma tentativa coletiva de construir uma ponte entre o sagrado e o profano (1997, p. 196).

A festa de São João Batista da Comunidade teve o seu início na cidade de Coxim por volta do ano de 1922. Começou em função de uma promessa feita a São João Batista, pela então matriarca senhora Maria Rosa Anunciação, que faleceu em 1977 na cidade de Campo Grande. Vale ressaltar que Maria Rosa, nasceu no período efervescente da abolição da escravidão no Brasil, aproximadamente três anos depois do seu nascimento a escravidão viria a ser extinta. Atualmente a família encontra-se na sexta geração e a festa continua sendo realizada após 88 anos do seu início.

O motivo da promessa foi à saúde de seu filho, José Soares Magalhães, que havia nascido prematuro e doente e provavelmente, não resistiria, porque aquela época por volta dos anos vinte no interior do sul do antigo estado de Mato Grosso não havia muito recursos. A senhora Maria Rosa, que era muito religiosa e devota de São João Batista, fez então a promessa ao Santo pela recuperação de seu filho. Na fé encontram os lenitivos necessários para sossegar o espírito e abrandar os problemas cotidianos.

Maria Rosa era uma pessoa alegre e extremamente caridosa como contam os seus descendentes; prometeu rezar o terço e fazer uma festa em homenagem a São João Batista enquanto vivesse. Durante a celebração, além do terço e da procissão, realizava-se a lavagem do santo no rio Coxim. A festa, naquela época considerada uma das maiores festas da região, era promovida na Cidade de Coxim. Pessoas de várias localidades próximas se deslocavam à cidade para participarem, porque a família de dona Rosa era muito conhecida e respeitada. Seus filhos eram garimpeiros e possuíam muitas pedras preciosas, o que, de acordo com os relatos, lhes dava certo *status* perante os moradores da região.

A festa passou a acontecer em Campo Grande a partir de 1945, no Bairro Monte Líbano (Rua da Liberdade), próximo ao centro da cidade, hoje considerado área nobre. Nesse local ela era realizada da mesma forma que em Coxim, inclusive com a lavagem do santo, que era feita no córrego Prosa, e ficou conhecida como “Festa dos Trindade”. Esse nome foi uma associação ao nome de um dos filhos da Sra. Maria Rosa (Trindade) que, em função de ser liderança expressiva da família, ficou muito conhecido na cidade.

A homenagem a São João Batista continua até os dias de hoje, tornou-se uma tradição familiar. É realizada nos dias 23 e 29 de junho no espaço da Associação da Comunidade Negra São João Batista (AFCN)⁷ situada na Rua Barão de Limeira, 1750, Bairro Santa Branca, aberta à comunidade em geral, mediante convite.

No dia 23, a comemoração tem início com a celebração do terço, durante o qual são entoados diversos hinos religiosos seguidos de explosão de fogos de artifício. Após o terço, é realizada a procissão, durante a qual é carregado o andor com a imagem de São João Batista, ornamentado com fitas coloridas e flores. As pessoas seguem o andor carregando velas acesas e entoando o hino de louvor a São João Batista, até o local onde é erguido um mastro de aproximadamente 20 m de altura, com a bandeira de São João e dos demais santos do mês de junho (Santo Antônio, São Pedro e São Paulo).

A procissão dá três voltas em torno do local onde será erguido o mastro e de uma árvore antiga, que tem forte significado para a Comunidade, representa a força da

⁷ Associação Familiar Comunidade Negra São João Batista. É uma associação civil sem fins lucrativos cujos associados são membros das famílias Anunciação e Bispo que tem dentre os seus principais objetivos: a preservação das raízes culturais; estudo e divulgação da cultura afro-brasileira; a elaboração e execução de projetos que promovam maior autoestima e desenvolvimento socioeconômico e educacional para Comunidade, como também, para outras comunidades afrodescendentes, e acima de tudo, buscando o fortalecimento e a união entre as famílias.

mãe-terra, o contato, a união da comunidade. A árvore significa a força das três pessoas da Santíssima Trindade. Após as duas primeiras voltas, passam embaixo do mastro que é sustentado pelos homens da Comunidade no sentido horizontal. Em seguida é fixado ao chão e, então, as pessoas retornam para dentro do oratório e realizam os ritos finais, quando são entoados novos hinos e é feita a reverência aos santos que estão sobre o altar.

No altar, além dos santos da festa, há as imagens de Jesus Cristo, Nossa Senhora Aparecida, São Jorge e São Benedito. Há também fotografias de antepassados e ornamentos diversos.

Durante a realização da parte sagrada da festa, vários cânticos e hinos são entoados, dentre os hinos entoados estão: “Hino de São João Batista”, “Beijamos, Beijamos”, “Chegai Pecador”, “Que Santo Aquele” em homenagem a São Benedito e “Divina Luz”.

Depois da celebração religiosa, acontece a parte social da festa, a profana, com apresentações de grupos culturais, quadrilhas, barraca de pescaria e correio elegante⁸. Há também comida e refrigerantes, que são servidos a todos os presentes sem exceção, gratuitamente, mesmo para aqueles que não fazem parte da Comunidade.

No dia 29 de junho, acontece novamente a celebração das homenagens a São João Batista e também aos demais santos do mês de junho. Como no primeiro dia, realiza-se o terço, segue-se em procissão, dá-se novamente as três voltas em torno da árvore símbolo e do mastro erguido na celebração do dia 23, cantando o hino em louvor a São João Batista. Baixa-se o mastro e todos os participantes passam por baixo, tocando as imagens dos santos, em seguida a procissão retorna com o quadro dos santos. Em seguida, para finalizar a celebração dentro da capela como no primeiro dia. Há queima de fogos de artifício.

É importante destacar que, durante a procissão, tanto no dia 23 quanto no dia 29, sob o comando do Sr. Reginaldo Anunciação⁹ ao microfone são feitas reverências aos santos e aos organizadores e participantes da festa, o qual diz: “Viva São João Batista” e todos respondem “Viva”! “Viva o festeiro”! E todos respondem “Viva”!

8 É o serviço de entrega de bilhetes durante a festa. A mensagem normalmente é escrita num cartão ou papel colorido e entregue ao destinatário durante a festa.

⁹ Neto de Dona Maria Rosa, atual patriarca da Comunidade, com 73 anos de idade.

“Viva os convidados”! e todos respondem “Viva”! Esse ritual prossegue até o final da procissão.

Dentro da organização e realização da festa, há várias funções, que são executadas por membros da Comunidade, como: os guardiões, responsáveis por guardar o espaço e o quadro de São João Batista levando nas mãos uma lança e um escudo. São crianças que receberam graças do Santo. Eles são os primeiros a entrarem no oratório após pedirem autorização ao festeiro que é o Patriarca da Comunidade.

Outras funções são: o capitão do mastro que tem a responsabilidade de procurar o mastro, mais firme e mais alto possível e ornamentá-lo; o capitão da fogueira que é responsável por recolher a lenha e fazer a fogueira e o capitão do empalhizado que é responsável por providenciar as palhas para se construir as barracas. A preparação da comida e ornamentação do espaço da festa fica a cargo das mulheres da Comunidade.

Do mesmo modo que no dia 23 de junho, no dia 29, ocorre a parte social da festa com os mesmos elementos. Nesses dois dias de festa, como nos primeiros anos de sua realização, é servido um bolo depois do jantar. A tradição do jantar é mais recente, a tradição do bolo e do refrigerante ou suco existe há mais tempo.

Apesar de haver algumas funções específicas, todos os membros da Comunidade se envolvem na realização. Todos ficam envolvidos no ritual, por se tratar de uma tradição da Comunidade. Tradição entendida como herança cultural, transmissão de crenças ou técnicas de uma geração para a outra (ABBAGNANO, 2003). Além dos membros da Comunidade, participam da festa a comunidade do entorno e parceiros¹⁰.

A fé no Divino Espírito Santo, em São João Batista, e nos demais santos do mês de junho une e fortalece a Comunidade, influenciando diretamente a vida de cada indivíduo. Segundo Rosana Anunciação, presidente da AFCN: “todas as atitudes deles refletem como Deus e São João Batista gostariam que agíssemos”.

De acordo com relatos orais colhidos, percebe-se a importância das experiências e da religião na vida das pessoas da Comunidade por meio da fé em São João Batista e no alcance de uma graça. Isso se reflete na narrativa da prima (em segundo grau) do senhor Reginaldo, senhora Sebastiana (Dona “Dique”), com relação às pessoas que participam da festa e das graças alcançadas.

10 Entidades públicas e sem fins lucrativos parceiras dos projetos da AFCN e comerciantes da região.

Eu cresci acompanhando a família, como puxadeira de terço. A história da promessa é muito linda, muito mais do que se imagina. Sou testemunha viva de que algumas pessoas que vieram à festa e pediram uma graça (milagres) e foram atendidas, voltavam no próximo ano para agradecer (Sebastiana “Dona Dique”, 67 anos)¹¹.

A religião tem um papel fundamental na reprodução social dessa comunidade, inclusive na reprodução material, já que o espaço das festas religiosas é também o território das relações de desenvolvimentos dos projetos sociais e do seu cotidiano.

Missa Afro na Comunidade São João Batista

A religião Católica está presente no modo de ser das comunidades tradicionais. Desde o período colonial do Brasil, a Igreja Católica atuou na catequização dos indígenas partindo da pressuposição de que todos os povos deveriam ser convertidos ao catolicismo. A Igreja Católica como diz Mira (1983, p. 62-90) seria: “[...] o caminho da salvação [...] os escravos deveriam se sentir agraciados, pois a escravidão era a forma de redimi-los espiritual e fisicamente”.

O povo africano que aqui chegou, trazido da África para ser utilizado como mão de obra escrava, perdeu e ganhou novos valores e forma própria de religião, quando assimilou preceitos e rituais católicos, mas também, preservou a herança dos seus ancestrais. Dessa forma, torna-se evidente que a religiosidade dos remanescentes de quilombo é mesclada por elementos africanos e do catolicismo. Toda a riqueza da cultura africana faz parte da missa afro celebrada na comunidade, a qual atrai pessoas de varias religiões.

A Missa Afro é diferente da missa comumente celebrada pela Igreja Católica. A celebração é marcada pelos cânticos ao som dos tambores e atabaques. Os membros da Comunidade vestem-se com roupas típicas da África e toda a riqueza da cultura africana se faz presente no ritual. Antes de entrar no recinto onde acontece a celebração, fazem-se uso da água de cheiro para lavar as mãos, seguindo um ritual de purificação.

Segundo o Padre Josuel Boaventura (2008), a primeira Missa Afro, à época denominada Missa dos Quilombos, realizada no Brasil, aconteceu em 22 de novembro de 1981, celebrada na cidade de Recife, pelos Arcebispos Dom José Maria Pires, Dom Helder Câmara e Dom Pedro Casaldáligas em memória de Zumbi dos Palmares e da

11 Depoimento colhido em sua residência, gravado e transcrito, concedido a Mônica Cristina Adams de Mattos da Silva em novembro/2009.

resistência dos negros à escravidão. Ao longo do tempo, novos elementos foram incorporados à celebração até se chamar Missa Afro.

Atualmente, essa missa é celebrada em diversas comunidades de todo o Brasil uma vez ao ano. Em Campo Grande, em algumas Comunidades afrodescendentes, como também na Paróquia São João Calábria pertencente, a Arquidiocese de Campo Grande, é celebrada no mês de novembro, em comemoração à Semana da Consciência Negra e ao herói negro, Zumbi dos Palmares. Inicialmente foi chamada de Missa dos Quilombos, justamente por retratar os ideais de liberdade vividos nos quilombos.

Durante muito tempo, o Vaticano proibiu a influência de outras culturas na missa tradicional católica. A incorporação das tradições africanas à missa foi liberada em 1988, pelo Papa João Paulo II.

De acordo com o Padre Josuel Boaventura, a Constituição Apostólica *Sacrosanctum Concilium* (documento do Concílio Vaticano II que representa a visão da Igreja Católica sobre a liturgia), definindo-a como fonte e expressão de toda a vida da Igreja (SC 10), recorda que a Igreja, em sua atividade missionária, ao se aproximar das culturas, é convidada a estabelecer um profundo intercâmbio de dons: quando leva a riqueza de sua liturgia, reconhece e assimila a riqueza dos valores culturais. O mesmo documento nos artigos de 37 a 40 apresenta as normas para a adaptação da liturgia à índole e tradições dos povos.

A Missa Afro na Comunidade Negra São João Batista é realizada no dia 15 de novembro em comemoração ao aniversário de criação da Associação Familiar da Comunidade Negra São João Batista e de alguns dos seus integrantes, além de ser o mês da Consciência Negra.

Posteriormente à celebração da missa, acontecem vários eventos culturais. É um dia especial para a Comunidade. Com a presença de vários convidados, é servido almoço ou coquetel, embora haja variações de um ano para outro.

A primeira celebração da Missa Afro na Comunidade aconteceu em Novembro de 2004, a qual foi realizada pelo pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Campo Grande na época, o Frei Nereu Todescato. A partir do ano de 2005 a Missa passou a ser celebrada pelo Padre Josuel dos Santos Boaventura da Paróquia São João Calábria. Nesse ano durante a Missa foram celebrados casamentos entre integrantes da Comunidade.

Alguns aspectos que diferenciam a Missa Afro de uma missa comum são: durante todo o ritual litúrgico está presente o som dos atabaques e o compasso de danças e saudações de paz com a palavra “axé”; as pessoas permanecem descalças, em contato com terra; as vestes têm motivos africanos; os cantos executados fazem alusões à cultura e à história dos negros; as figuras de Zumbi e a Negra Mariama¹² são lembradas em vários momentos. No ritual do ofertório, são oferecidos alimentos que são partilhados posteriormente com todos os presentes. A missa em toda a sua essência é um convite do povo negro para que façamos da nossa vida uma permanente alegria de ser e partilhar. Um dos cânticos mais emocionante e meditativo é o “Povo Negro”. O qual clama em seu refrão “Povo sofrido, mas feliz, feliz até na tristeza. Povo que constrói a História [...] Povo Negro que luta [...].”

O resgate parcial do ritual africano da missa é um misto de alegria, louvor, paz e dor. De maneira geral, a Missa torna-se mais alegre e participativa. O Padre Josuel¹³, pároco da Paróquia São João Calábria, descreve um pouco das peculiaridades do ritual da Missa Afro:

[...] Ao início da celebração se revive a memória histórica daqueles que sofreram no próprio corpo o martírio de Cristo. E entre estes está Zumbi, mártir maior da causa negra, assassinado no quilombo dos Palmares pelo sistema branco opressor em 1695. A celebração é feita muitas vezes no chão **ao ar livre, vivenciando a nossa ligação vital com a natureza**, expressando assim a nossa relação amorosa com ela. [...] Nossas liturgias são mais criativas e cada celebração é por assim dizer, uma experiência única. Contudo vamos descrever alguns momentos fortes de nossas festas de louvor:

1 - Ato Penitencial: Pedimos perdão, por aqueles que fizeram nossos pais de escravos, e por aqueles que ainda continuam a nos discriminar em todos os campos. Pedimos perdão para a igreja que pertencemos, e que foi conivente e participante do regime de escravatura, e ainda hoje muitas vezes é conivente com o racismo. E enquanto comunidade negra, pedimos perdão pelas vezes que não assumimos nossa negritude, as nossas lutas e o compromisso de transformar este mundo num espaço de amor e compreensão. [...]

2 - Hino de Louvor: Reconhecemos que o grande hino de louvor, é feito por toda a criação. Glorificamos a Deus cantando, dançando e batendo palmas.

3 - A Palavra: Esta palavra é contada pelos mais velhos recordando que a nossa tradição é oral. Em seguida há a partilha da palavra, a partir de nossas experiências.

12 A negra Mariama é o ícone maior da espiritualidade afro no que se refere à devoção a Maria (Nossa Senhora). Representa a opção de Deus para com os negros, os pobres mais pobres nos tempos da escravidão, quando ela apareceu toda negra (Silva, 2007).

13 Em resposta a questionário elaborado por esta pesquisadora, por e-mail tendo em vista que o mesmo se encontrava fora do País na época.

4 - Oferendas: Ao Deus Pai Criador - oferecemos o pão e vinho, o bolo de fubá e a cachaça, a criança e o velho tão querido na nossa cultura negra. Oferecemos as folhas, as flores, os frutos, as verduras, legumes e água de cheiro.

5 - Axé: Saudação da paz. Tocamos a mãe terra e os ombros dos nossos companheiros e companheiras, dizendo AXÉ. Axé é paz, energia, saúde, vitalidade. Não dá para traduzir, mas sentir.

6 - Comunhão: Comungamos o pão e o vinho - corpo e sangue de Cristo. Comemos também pipoca, as frutas, etc., comungando assim a nossa vida e cultura negra.

(Padre Josuel dos Santos Boaventura “Padre Degas”, Pároco da Paróquia São João Calábria – Arquidiocese de Campo Grande/MS – 2008)

Durante a Missa acontece realmente o resgate de alguns valores que estão na base da cultura afro. Ainda, segundo o Padre Josuel são eles:

A Natureza: O povo negro é um povo muito ligado à natureza, o que o leva a celebrar com abundância de água, fogo, folhas, terra, flores...

Os Antepassados: É de grande importância celebrar os antepassados, pois eles também fazem parte da caminhada e continuam fazendo história com a comunidade.

A Festa: Esta deve acontecer de fato para mostrar que a vida deve ser diferente, deve se partilhar gratuidade, alegria e, num sentido escatológico¹⁴, aperitivo do grande banquete no reino definitivo.

A Dança: Celebra-se não somente com a cabeça, com o cérebro, mas com todo o corpo. O corpo sendo expressão do divino faz com que a fé seja manifestada na alegria e com muito gingado. Os atabaques têm um papel fundamental; quando eles tocam, o corpo mexe, louvando a Deus. Os cantos trazem uma mística; não precisam ter muita letra, mas muita música.

A Comida: Para as comunidades afro é impossível celebrar sem comida, pois comer juntos é entrar na intimidade do outro, é partilhar a vida. Isso acontece através da pipoca, da canjica, da mandioca, da cachaça, do amendoim, do angu, do bolo de fubá, etc.

(Padre Josuel dos Santos Boaventura “Padre Degas”, Pároco da Paróquia São João Calábria – Arquidiocese de Campo Grande/MS – 2008)

Como vimos, com a realização da Missa Afro, a Igreja Católica tem voltado sua atenção para os afrodescendentes. Além disso, outra importante manifestação dessa preocupação foi a criação de uma pastoral específica para essa população – a Pastoral Afro.

14 Relativo à escatologia, doutrina sobre a consumação do tempo e da história e tratado sobre os fins últimos do homem. (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986)

Pastoral Afro

Segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a pastoral afro-brasileira nasceu da necessidade de se dar organicidade às diferentes iniciativas dos negros católicos que marcam presença na vida e na missão da Igreja. Também é fruto da consciência das necessidades que foram surgindo a partir do aprofundamento do compromisso com a caminhada das comunidades negras.

Para sintetizar, a Pastoral Afro é uma ação que volta sua atenção para a realidade dos afrodescendentes. Participam dela não somente afrodescendentes, mas também, outras pessoas que, vivendo a experiência eclesial, abraçam a causa. Isso mostra que é uma atividade aberta que de certa forma promove a integração da Comunidade com o seu entorno.

Na Comunidade São João Batista, as atividades da Pastoral foram iniciadas em 2005¹⁵ e acontecem todo terceiro domingo do mês, quando se reúnem as comunidades negras São João Batista e São Benedito e a Paróquia São João Calábria que abraçou o trabalho desenvolvido pela pastoral. A pastoral como mecanismo de promoção sociocultural, sob a orientação do Padre Josuel do Santos Boaventura, trabalha o resgate da cultura e da autoestima, valorizando as diferenças dessas comunidades.

Nesses encontros são realizadas atividades e discussão sobre a luta pela titulação de terras de remanescentes de quilombo, sobre questões políticas e sociais. Também são lembrados os antepassados e os valores africanos. Busca-se por meio desses encontros a celebração da vida e da união entre os povos, independente de ideologia, cor ou de crença religiosa.

Interessante ressaltar que a Comunidade Negra São João Batista dispõe de um significativo grau de preservação e resgate da sua cultura e religiosidade, além de grande capacidade organizativa. Tudo isso auxilia e contribui para a união do grupo e o fortalecimento do sentimento de pertença.

De acordo com Amaral (2006), “pertencimento ou sentimento de pertencimento é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações”. Ou seja, esse sentimento de pertencimento ou de pertença

15 No Brasil os trabalhos da Pastoral Afro surgiram em 1988, por ocasião dos 100 anos da Lei Áurea, quando a Campanha da Fraternidade da CNBB elegeu o tema “Fraternidade e o Negro”, cujo lema era Ouvi o Clamor deste Povo.

é inerente à condição humana, pois todos de alguma forma buscam pertencer a um espaço e/ou lugar, seja por uma questão cultural, social, religiosa, geográfica, étnica ou política, etc.

Na mesma perspectiva, observa Valle (2002) que o sentimento de pertença pode ser definido como os laços que prendem o sujeito ao modo de ser, aos comportamentos e estilos de um grupo ou comunidade do qual se torne membro, fazendo com que ele se sinta e aja como participante pleno, sobretudo no que diz respeito aos papéis sociais, às normas e valores.

Religiosidade e o sentimento de pertença presentes nas festividades da Comunidade

O fator religioso na Comunidade São João Batista é determinante na construção de sua identidade cultural. A religiosidade tem grande influência nos seus hábitos; os momentos de festa e devoção centrados na união familiar, legado dos antepassados, são elementos essenciais no seu cotidiano.

Na São João Batista, observou-se também a forte inter-relação entre a religiosidade e a cultura. A festa e a devoção aos santos, assim como a Missa Afro, além do aspecto religioso incorporam e revelam a presença de elementos culturais de raízes africanas. Em se tratando de comunidades de remanescente de quilombos é muito difícil separar essas manifestações.

O ser humano, de maneira geral, possui uma forte conexão com a questão religiosa e isso os impulsiona. Como afirma Tuan (1980): “a religião está presente na vida do ser humano em vários graus e em todas as culturas e isso é um traço universal.”

A prática religiosa existente na Comunidade Negra São João Batista, manifestada por meio do terço e da festa em cumprimento de promessas e agradecimentos por graças alcançadas é realmente fator impulsionador do desenvolvimento da Comunidade. A festa como expressão da sua fé contribui para a união, organização e sentimento de pertença do grupo: “A experiência religiosa contribui para a vida social e comportamentos coletivos”. (CASTILHO e LE BOURLEGAT, 2006)

As comunidades remanescentes de quilombos, ou comunidades negras dentre outras terminologias utilizadas, ao longo dos séculos construíram processos de relações sociais e de articulações que possibilitaram a construção de uma significativa rede de

relações socioeconômicas e políticas que podem contribuir para o seu desenvolvimento e despontar potencialidades para uma melhor qualidade de vida dessas comunidades.

A Comunidade Negra São João Batista, por meio do forte sentimento de pertença de seus integrantes, tem construído não apenas mecanismos para a continuidade e fortalecimento de sua religiosidade, mas demonstra sua capacidade de cooperação para o desenvolvimento de suas potencialidades, o que induz a um processo de desenvolvimento endógeno.

Os próprios recursos e conhecimentos utilizados nas festividades, como a música, vestimentas, valores etc. são repassados as demais gerações como forma de garantir a continuidade da tradição, da cultura, conforme evidencia a fala do Sr. Reginaldo da Anunciação:

[...] vê que a semente da resistência da luta das tradições africanas e religiosas da família Bispo e Anunciação, não podendo esquecer a família Trindade, estão frutificando, e o melhor, sendo mantidas pelos irmãos, irmãs, filhos, netos, sobrinhos, sobrinhas e suas famílias as tradições cultivadas há quase oitenta anos, ainda lembro quando menino as festas de São João Batista nos idos de 1940 promovidas pela família na época em que moravam na cidade de Coxim [...] (Ata de Criação da AFCN¹⁶, em 15/11/2000).

Pôde-se constatar que a maior fonte de resistência da Comunidade encontra-se justamente na fé, representada pelas promessas e pelas graças alcançadas. A aceitação do legado da festa e do terço, iniciado pela matriarca, Maria Rosa, fortaleceu-os e se tornou uma fonte de união/coesão do grupo, que contribuiu inclusive, para o desenvolvimento da própria comunidade

Considerações Finais

Tecer algumas considerações sobre o modo como a Comunidade Negra São João Batista vivencia o sentimento de pertença e a religiosidade, foi importante para evidenciar a necessidade de se dar maior valor e respeito às raízes culturais e expressões religiosas de um povo. Foi possível constatar que um dos aspectos mais importantes para compreender o sentimento de pertença se refere ao passado compartilhado, à história em comum, uma vez que esses fatores reforçam os sentimentos de afetividade entre as pessoas.

Ao compreender um pouco mais a comunidade, observou-se que possuem um modo de vida muito particular, mesmo vivendo em meio urbano. As manifestações de

¹⁶ Neste ano (2010), em novembro, a Associação Familiar da Comunidade Negra São João Batista completará uma década de existência.

cunho religioso presentes na Comunidade e o sentimento de pertença, enquanto afirmação, valorização e preservação de um legado cultural são, potencialmente, impulsionadores do processo de desenvolvimento no qual a comunidade se encontra. São importantes ferramentas para se promover ações de fortalecimento dentro da própria Comunidade.

Relembrar as celebrações feitas pelos antepassados, resguardar e preservar à transmissão de um legado, se tornou tradição familiar. A Festa em homenagem a São João Batista, é um marco histórico de fé, que com o tempo só faz aumentar a devoção ao Santo.

O respeito à promessa feita pela matriarca Dona Maria Rosa, em favor da saúde de seu filho caçula, foi e continua preponderante para a continuidade da cerimônia festiva. Com este estudo pôde-se verificar a importância da tradição no contexto de uma comunidade como a São João Batista. Pode-se afirmar que as experiências vividas na Comunidade nos dias de festa religiosa são momentos únicos, cheios de significados que transmitem grande emoção.

Quanto a Missa Afro na Comunidade, observou-se que a mesma é vivida com muita intensidade ressaltando o orgulho de ser comunidade negra, por meio do reavivamento da espiritualidade trazida da África. A Missa é uma reflexão sobre o passado. A Comunidade conta a história do povo negro, revive o seu sofrimento, sua luta e sua resistência. Cada momento da celebração é um convite à valorização de sua memória e sua cultura.

A religiosidade assume no cotidiano dessa Comunidade um papel central, de tal modo que influencia suas atitudes, suas atividades, reforçando ainda mais o forte sentimento de pertença encontrado. A participação e o compromisso dos integrantes da Comunidade nas cerimônias religiosas, tanto na festa em homenagem a São João Batista quanto na Missa Afro são um reflexo dessa constatação.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

AMARAL, Ana Lúcia. *Pertencimento*. Disponível em: <http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>. Acesso em: 27 out., 2009.

AVILA, Vicente F. (Coord). **Formação educacional em desenvolvimento local**: relato de estudos em grupos e análise de conceitos. Campo Grande: UCDB, 2000.

AVILA, Vicente Fideles. **Cultura de sub/desenvolvimento e desenvolvimento local**. Sobral: Edições UVA, 2006.

BOAVENTURA, Josuel dos Santos. Negritude e experiência de Deus. Afrodescendentes brasileiros: na diversidade de culto, unicidade divina. **Teocomunicação**, v.37, n.156. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto Nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm. Acesso em: 23 out. 2008.

CASTILHO, M. A.; LE BOURLEGAT, C. A.; ARAUJO, J. M. O sagrado da fé católica no contexto da territorialidade urbana de Campo Grande - MS. In: Maria Augusta de Castilho. (Org.). **O sagrado da fé católica no contexto da territorialidade urbana de Campo Grande - MS**. 1.ed. Campo Grande: UCDB, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES DOS ANJOS, José Carlos; SILVA, Sergio B. da (Orgs.). **São Miguel e Rincão dos Martinianos**: ancestralidade negra e direitos territoriais. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

HALBWACHS. M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, 2004.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LEITÃO, S. Presença humana em unidades de conservação: é possível? In: LIMA, A. (Org.) **O Direito para o Brasil Socioambiental**. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2002.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. vol.5, n.10. Rio de Janeiro: CPDDOC/FGV, 1992.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: espaço e tempo; razão e emoção. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

SILVA, Antônio Aparecido. Espiritualidade afro. **Revista Missões**. n.9. São Paulo: Instituto Missões Consolata, 2007. Disponível em: http://www.e-padre.com/default.asp?secao=publicacao.asp&cod_cat=11. Acesso em: 3 nov. 2009.

SILVA, Mônica C. A. M. **Empoderamento e potencialidades para desenvolvimento local na tradicional comunidade negra “São João Batista” de Campo Grande, MS**. Campo Grande, 2010. (Dissertação de Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VALLE, Edênio. Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa. **Revista Eletrônica de Estudos da Religião – REVER**. Disponível no site: http://www.puc.br/rever/rv2_2002/t_valle.htm. Acesso em: 20 jun. 2010.

Fotografias de Eventos Religiosos da Comunidade Negra São João Batista



Carregamento do andor durante a homenagem a São João Batista
Mônica Adams – 2009



Objetos do Altar da Capela da Comunidade São João Batista
Mônica Adams – 2009



Instrumentos de percussão utilizados durante a Missa Afro
Mônica Adams 2009



Missa Afro na comunidade São João Batista
Mônica Adams 2009



Flores e alimentos ofertados durante a Missa Afro
Mônica Adams 2009

Recebido em 30/08
Aprovado em 16/09